

A força da escrita de Glória

Anzaldúa Página |
189

Lara Virgínia Saraiva Palmeiras⁷⁵

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Resumo

As teorias sobre gênero e, posteriormente, os estudos sobre interseccionalidade trazem à tona a importância de considerar marcadores sociais como o próprio gênero, além da raça, classe social e nacionalidade, na produção de conhecimento de uma maneira geral, além de nos auxiliar a pensar nos emaranhados processos de (re) construção das identidades contemporâneas. No presente artigo, a problemática principal reside na complexidade com a qual se constitui o próprio ser humano. A personagem principal com a qual o diálogo é estabelecido é Glória Anzaldúa, professora, escritora, ativista *queer* e chicana lésbica, considerada neste espaço a personificação das tensões que integram essa experiência social que é o viver entre-fronteiras. Além de apresentar a autora com uma breve biografia, foram analisadas três de suas principais obras com o objetivo de compreender de que maneira ela constrói sua teoria das fronteiras e a relaciona com a questão da identidade.

Palavras-chave

Identidade. Gênero. Glória Anzaldúa.

⁷⁵ Doutoranda em Antropologia Social - Museu Nacional/Universidade Federal do Rio de Janeiro

Comecei a pensar: "Sim, sou chicana, mas isso não define quem eu sou. Sim, sou mulher, mas isso também não me define. Sim, sou lésbica, mas isso não define tudo que sou. Sim, venho da classe proletária, mas não sou mais da classe proletária. Sim, venho de uma mestiçagem, mas quais são as partes dessa mestiçagem que se tornam privilegiadas? Só a parte espanhola, não a indígena ou negra. [...] Comecei a pensar em termos de consciência mestiça. O que acontece com gente como eu que está ali no entre-lugar de todas essas categorias diferentes? O que é que isso faz com nossos conceitos de nacionalismo, de raça, de etnia, e mesmo de gênero?"
(GLÓRIA ANZALDÚA)⁷⁶

As teorias sobre gênero e, posteriormente, os estudos sobre interseccionalidade trazem à tona a importância de considerar marcadores sociais como o próprio gênero, além da raça, classe social e nacionalidade, na produção de conhecimento de uma maneira geral, além de nos auxiliar a pensar nos emaranhados processos de (re) construção das identidades contemporâneas.

O conceito de gênero passa a ser desenvolvido no âmbito das Ciências Sociais por volta de 1970 para se referir à construção social do sexo, além de sua dimensão biológica. Enquanto o sexo designa a caracterização anátomo-fisiológica dos seres humanos, o gênero pretende abarcar as qualidades do que é ser homem e mulher enquanto processos realizados o âmbito da cultura. Seria maneira como organizamos simbolicamente essas diferentes experiências a partir de relações sociais baseadas em distintas estruturas de poder. Sobre tal fato, discorre os autores:

O gênero constitui o modo como nos relacionamos com nós próprios e com o outro. Assim, incide no processo de produção simbólica, definindo a maneira como cada um percebe o mundo, apreende os códigos de interpretação da cultura e estabelece pautas de interação com o outro, marcando a atuação social de cada indivíduo (VILELLA & ARILHA, 2003, p.115).

Para Heilborn (1994), tal conceito representou um avanço na medida em que valorizou mais a dimensão da relatividade entre o indicador anatômico e a elaboração cultural em comparação com outros conceitos como o de “papeis sexuais”.

Primordialmente, o termo “gênero” era praticamente utilizado como sinônimo de “mulher”, já que era nesse momento que as pesquisadoras feministas procuravam desnaturalizar a condição da mulher na sociedade. Era preciso diferenciar o que as mulheres tinham de natural, permanente e igual em todas as épocas e culturas, daquilo que podia ser construído socialmente, que era mutável e servia como base para a discriminação (SIMIÃO, 2000).

Scott (1990) atenta para o uso do termo “gênero” como uma busca de legitimidade para os estudos feministas nos anos 1980. Ao propor o uso da categoria para a análise histórica, a autora pretende sublinhar o caráter relacional, transversal e variável dessa

⁷⁶ Tradução feita por Costa e Ávila (2005)

categoria analítica. Antes dela, Gayle Rubin, em 1975, já havia elaborado uma análise sobre a opressão e a subordinação social das mulheres ao analisar o sistema de sexo/gênero como uma divisão de sexos imposta socialmente e produzidas nas relações sociais da sexualidade.

Vale ressaltar que o termo foi incorporado pelas diversas disciplinas recebendo nuas diferentes, colorindo o conceito de acordo com a bagagem conceitual específica que cada uma traz (SIMIÃO, 2000). No presente artigo, a problemática principal reside na complexidade com as quais os marcadores de gênero, raça, classe social e nacionalidade se articulam na construção do que podemos chamar de “ser humano”. A perspectiva adotada é a do gênero como uma categoria relacional, considerando o contexto em que os indivíduos estão inseridos, as relações de poder, as crenças, as etnias etc. Acrescenta-se ainda o conceito de interseccionalidade, termo que tem sua origem nos anos de 1970 no movimento conhecido como *Black Feminism*, cuja crítica coletiva tinha como alvo o feminismo branco, de classe média e heteronormativo (HIRATA, 2014).

O uso do termo pela primeira vez por Kimberlé Crenshaw (1989) designava a interdependência das relações de poder de raça, sexo e classe. Ao focalizar, especificamente as intersecções da raça e do gênero, Crenshaw aborda ainda as questões de classe e sexualidade que podem contribuir para estruturar as experiências das mulheres de cor. Assim, a proposta da interseccionalidade é considerar as múltiplas e complexas fontes da identidade, tal qual Anzaldúa, a principal personagem deste artigo.

Glória Anzaldúa acrescenta ainda a questão geográfica através da sua metáfora de viver entre-fronteiras. Ela é considerada neste espaço a personificação das tensões que integram uma importante experiência social. Ela assumiu esse papel, viveu-o e traduziu-o de forma inigualável: com força, poesia e elegância; foi crua e áspera sendo radical – no sentido original da palavra, desde a raiz. Provocou angústias e dilemas existenciais. Questionou conceitos e a legitimidade dos marcadores sociais de diferença que são utilizados corriqueiramente nos textos acadêmicos. Autoentitulou-se: “*I am a border woman*” (ANZALDÚA, 2012, p. 19).

A autora em questão tem toda propriedade para falar sobre como é viver, conviver e se mover nas margens de Estados nacionais, com culturas e realidades nacionais diferentes e, em determinados casos, divergentes, principalmente quando se pensa que a mesma viveu em uma das fronteiras mais famosas do mundo: México e Estados Unidos, a “ferida aberta”, onde o Terceiro Mundo range contra o Primeiro e sangra. Anzaldúa (2012) andou por essa fronteira e entre outras por toda sua vida; e tal cenário não seria confortável para se viver, pois nesse

espaço de contradições, o ódio, a raiva e exploração são características proeminentes. A violência presente em sua realidade é uma tônica constante em seus escritos.

Em uma famosa entrevista, define seu objetivo de maneira muito clara: “Eu estava tentando articular e criar uma teoria de existência nas fronteiras. [...] Eu precisava, por conta própria, achar algum outro termo que pudesse descrever um nacionalismo mais poroso, aberto a outras categorias de identidade.” (ANZALDÚA apud COSTA e ÁVILA, 2005, p. 691).

Entretanto, Anzaldúa não põe em jogo apenas as categorias que envolvem as fronteiras. Ela adiciona à problemática, às questões de gênero, de sexualidade, além das de raça e etnia, como se percebe no epílogo do artigo. Acrescenta ainda uma perspectiva relacionada à linguagem, utilizando a escrita como uma forma de sobreviver e um instrumento de resistência. Procurou subverter todas as relações de poder que atravessaram seu caminho, questionando como a lógica construída pelas nações dominantes operava diretamente em sua vida.

Quem foi essa mulher que se propôs a criar uma teoria de existência nas fronteiras? Em que contexto ela escreveu? Quais suas principais obras? Como podemos pensar seu legado? Como acrescentar suas reflexões aos estudos sobre gênero? Como enxergar em um ser humano e em suas experiências toda a complexidade que reside neste tema? Essas são as principais questões que nortearão a discussão e serão abordadas nesse artigo.

1 Quem foi Gloria Anzaldúa?

Gloria Evangelina Anzaldúa foi professora, escritora, ativista *queer*⁷⁷ e *chicana* lésbica. Obteve um diploma em Inglês, Arte e Ensino Secundário no ano de 1968 na *Universidad Pan America*. Atuou como professora na educação pré-escolar e no mestrado estudou Inglês e Educação na Universidade do Texas. Em Austin, entrou em contato com políticos e dramaturgos como Gorski Hedwig e Ricardo Sánchez. Na década de 1970, mudou-se para a Califórnia e lá produziu seus escritos sobre a condição de *chicana* e de feminista nas universidades da região. Nas décadas de 1980 e 1990 seus livros foram condecorados, incluindo o prestigiado Prêmio *Lifetime Achievement Award* da *American Studies Association*.

⁷⁷ Sáez (2004) traça pontos principais para compreender o que o termo *queer* significa. Dentre as ideias, destaco a crítica aos dispositivos heterocentros e ao binômio hetero/homo; resistência à normalização; localizar os dispositivos de normalização de sexo e gênero que atravessam o tecido social e cultural; importância de articular entre si os discursos de raça, sexo, cultura, identidade sexual e posição de classe; o gênero como tecnologia e o sexo como prótese. Vale ressaltar ainda que o termo passou a ser recorrente no contexto dos anos 1990, influenciado pelas correntes filosóficas pós-estruturalistas que questionavam o essencialismo na questão da subjetividade humana, além de destacar os efeitos produtivos do discurso.

Nasceu no Valley do Rio Grande do Texas em 28 de setembro de 1942, filha dos camponeses Urbano Anzaldúa e Amalia Anzaldúa García que tiveram suas famílias separadas pela imposição de uma fronteira. A referência de sua terra, do lugar onde nasceu, de sua família e de seu povo é forte quando retoma constantemente a expressão *mi terra, mi gente*. Segundo Anzaldúa, foi a primeira de seis gerações a deixar o Valley, a única da família a deixar o lar; mas ao sair, manteve o fundamento do seu próprio ser e levou consigo a terra, o Valley e o Texas.

Um dos traços mais marcantes da personalidade de Anzaldúa é a rebeldia. Conta que, quando criança, ao invés de realizar tarefas domésticas, passava muitas horas estudando, lendo ou escrevendo. Tinha uma vontade teimosa e odiava restrições de qualquer natureza. Desde cedo, já tinha noções de quem era e do que era justo. Acreditava que algo estava “errado”, pois nada da sua cultura a aprovava. Era uma “*Shadow-Beast*” (ANZALDÚA, 2012, p. 238) que enfrentou um longo processo de aceitação do seu Eu, construindo sua narrativa por meio da resistência e da rebeldia.

Anzaldúa entrou em contato com movimentos populares desde jovem, quando nos anos de 1950 participava de protestos de camponeses no sul texano, já que a lavoura fazia parte do seu cotidiano e da sua família. Após sua ida para Califórnia, depois de conhecer literatura sobre a área, começa a teorizar e a tecer críticas sobre o feminismo americano de sua época ao alertar que mesmo tendo pontos em comum, o cotidiano de opressão sofrido pelas “mulheres de cor” (*women of color*) é bem diferente do sofrido por mulheres brancas, já que aquelas nunca tiveram nenhum tipo de privilégio. Nesse contexto, Anzaldúa publicou com Cherríe Moraga, a coletânea *This bridge called my back* (1983) que se tornou uma das referências nos debates sobre os caminhos do feminismo norte-americano com o qual Anzaldúa dialogava.

Glória Anzaldúa é denominada *chicana*. Em uma acepção extremamente restrita, o termo *chicano* seria uma designação para os indivíduos hispânicos com raízes mexicanas que vivem nos Estados Unidos. De acordo com Lobo (2015), no início, seu uso tinha uma conotação pejorativa utilizada para estereotipar os mexicanos de origem pobre, entretanto, após o que a autora denomina de *El Movimiento*, ocorrido nos anos 1960, o termo teria sido ressignificado com o objetivo de atribuir uma especificidade, uma particularidade a esse grupo através de uma forma de resistência à assimilação à cultura anglo-americana. Nesse contexto, a luta era por autodeterminação e autodefinição, tendo como horizonte a compreensão da história de discriminação que os mexicanos enfrentam nos EUA, ao reclamar o direito a um hibridismo próprio das distintas realidades pelas quais transitam. A própria

Anzaldúa deixa claro suas origens quando menciona que cresceu entre duas culturas: a mexicana (com uma forte influência indígena) e a anglo (como membro de um povo colonizado em seu próprio território).

Um ponto importante é o caráter forçado de muitas imigrações de mexicanos para o território americano, acompanhadas de um violento processo de colonização interna pelos EUA. O outro ponto, refere-se à herança indígena das *chicanas* que Anzaldúa comenta sobre sua ancestralidade:

My Chicana identity is grounded in the Indian woman's history of resistance. The Aztec female rites of mourning were rites of defiance protesting the cultural changes which disrupted the equality and balance between female and male, and protesting their demotion to a lesser status, their denigration. Like la Llorona, the Indian woman's only means of protest was wailing. (ANZALDÚA, 2012, p. 43)

Assim, como descreve Lobo (2015), o conceito traz à tona uma consciência política e ideológica de um grupo de pessoas que partilham as mesmas características culturais, a mesma interpretação dessas experiências, o orgulho de sua mestiçagem e um compromisso de justiça social.

Até então, tudo parece estar acordado. Contudo, nas duas primeiras gerações após *El Movimiento*, as vozes de maior expressão eram as masculinas (LOBO, 2015). Somente a partir da década de 1980, as vozes femininas passaram a se expressar independentes das pautas dos *chicanos* e até mesmo do feminismo anglo-americano. É nesse horizonte que Anzaldúa contribui diretamente na construção dessa nova identidade da mulher chicana. Para melhor compreender os traços dessas mulheres chicanas, sintetiza Niemand (2002):

Chicanas are women who function in a patriarchal society, (2) Chicanas are overrepresented in the lower socioeconomic and poverty categories in a capitalist system, (3) Chicanas are racial minorities who lack representative and economic power within the United States, and (4) some Chicanas are lesbians in a predominately heterosexual society. As a result of their triple or quadruple minority status, Chicanas and their experiences can be understood only in the context of societal sexism, classism, racism, and homophobia. (Niemand, 2002, viii)

Dessa forma, as chicanas trazem para o movimento novas questões concernentes ao gênero, à classe, às opressões do patriarcado e às pautas de novos feminismos que estavam surgindo e que complexificaram ainda mais o movimento *chicano*.

2 Suas obras

Anzaldúa afirmou que os livros seriam os responsáveis por salvar sua sanidade, pois o conhecimento teria aberto lugares antes trancados e a ensinou a sobreviver e depois a

“subir” (ANZALDÚA, 2012). Neste artigo, três de suas obras mais conhecidas são analisadas mais a fundo. A escolha justifica-se pela popularidade das obras, sua importância e a forte maneira como elas representam a alma e o pensamento desta *chicana*. As obras são: *This Bridge Called My Back: Writings by Radical Women of Color* (1983), *Falando em Línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo* (2000) e *Borderlands/La Frontera: The New Mestiza* (2012).

This Bridge Called My Back é considerada uma das mais emblemáticas antologias feministas lançada originalmente em 1981. Organizada juntamente com Cherríe Moraga, trata de uma coleção de testemunhos de mulheres que se expressaram através de ensaios pessoais, críticas, entrevistas, depoimentos, poesia e arte visual denunciando um sistema opressor e reivindicando a liberdade de cor e de etnia quando mulheres negras, latinas, asiáticas e nativas americanas relataram suas diferentes formas de experimentar a América.

A antologia se divide em seis partes temáticas que antecipam o conteúdo veiculado em cada uma delas: “Children Passing in the Streets - The Roots of Our Radicalism”, “Entering the Lives of Others - Theory in the Flesh”, “And When You Leave, Take Your Pictures With You - Racism in the Women's Movement”, “Between the Lines On Culture, Class, and Homophobia”, “Speaking in Tongues The Third World Woman Writer” e “El Mundo Zurdo - The Vision”. Ao todo são 27 autoras, além das editoras, e um artigo assinado pelo Combahee River Collective. São elas: Toni Cade Bambara, Donna Kate Rushin, Nellie Wong, Mary Hope Lee, Rosario Morales, Naomi Littlebear, Chrystos, Genny Lim, Mitsuye Yamada, Anita Valerio, Barbara Cameron, Aurora Levins Morales, Jo Carrillo, Gabrielle Daniels, Judit Moschkovich, Doris Davenport, Audre Lorde, Hattie Gossett, Barbara Smith, Beverly Smith, Cheryl Clarke, Barbara Noda, Merle Woo, Mirtha Quintanales, Norma Alarcón, Andrea Canaan, Pat Parker.

O trecho abaixo é a parte final do poema *The Bridge Poem* escrito por Donna Kate Rushin que auxilia a compreender a intenção da coletânea de fazer com que as mulheres do Terceiro Mundo reflitam sobre si, suas vidas e encontrem seu verdadeiro eu. Para a autora:

The bridge I must be
Is the bridge to my own power
I must translate
My own fears
Mediate
My own weaknesses

I must be the bridge to nowhere
But my true self
And then
I will be useful

(MORAGA, ANZALDÚA, 1983, p. xxi)

Segundo Costa e Ávila (2005, p. 692), a obra é uma das mais importantes antologias emblemáticas do “feminismo da diferença” em um contexto no qual predominava o discurso das feministas brancas, anglófonas, heterossexuais, protestantes e de classe média. Nesse sentido, quando essas vozes históricas e estruturalmente reprimidas vieram à tona, a discussão sobre diferença desloca seu polo, indo além das formulações dicotômicas homem/mulher, masculino/feminino e discutindo diferenças étnicas, raciais e pós-coloniais. Em tal momento, percebe-se que o movimento feminista – e aqui, leia-se o movimento no âmbito norte-americano –, se afasta das discussões sobre o determinismo biológico para se voltar às particularidades socioculturais dos sujeitos – ou melhor, das mulheres – o que, amadurecerá, nos anos seguintes, na formalização de importantes conceitos, como o de interseccionalidade, produzido no contexto do feminismo negro. Nesses termos, é assim definido por Crenshaw (2002), mas que a data da publicação original é de 1989:

A interseccionalidade é uma conceituação do problema que busca capturar as conseqüências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras. (CRENSHAW, 2002, p. 177).

Vale salientar o pano de fundo dos debates sobre o pós-modernismo e do pós-estruturalismo que marcavam a academia norte-americana, caracterizado por uma “massiva desestabilização de certezas, verdades, desintegração de epistemologias e a exploração, dentro do feminismo, das múltiplas opressões constitutivas das diferenças entre as mulheres” (COSTA e ÁVILA, 2005, p. 692). Assim, os escritos de Anzaldúa – juntamente com de outras *chicanas* – sublinharam as distintas complexidades que envolvem o “ser mulher”, além de reconhecer as várias camadas de subordinação que não podem ser mascaradas sob as questões de gênero.

Esse feminismo também é associado ao movimento pós-colonial na medida em que ambos os movimentos questionam sobre representação e essencialismo: Quem pode falar por quem? Quem ouve? Como se representa a si? Como representa os outros? Tais questões envolvem os relacionamentos entre o Primeiro Mundo na figura do intelectual e o Terceiro Mundo na posição de objeto de investigação ao denunciar problema de posicionamento e de localização (BAHRI, 2013).

O título da obra é uma poderosa metáfora na qual a imagem do corpo da escritora estabelece uma forte relação – uma ponte – entre a mulher que escreve e a mulher que lê,

entre o Eu criador e o Eu receptor para que o último se torne também um sujeito criador de um novo discurso (BAILEY, 2012). Como afirmam as editoras, as escritoras formam uma família, que se conheceram primeiro nos sonhos e se uniram nas páginas do livro para lutarem juntas e suportarem duramente a realidade. É sobre intimidade, desejo de vida e liberdade. É também um manifesto político no sentido de ser uma afirmação positiva do compromisso das mulheres de cor com a construção de um feminismo delas e com a própria revolução (MORAGA, ANZALDÚA, 1983).

Seguindo no caminho de uma teoria feminista pós-colonialista, Sureli (1989) afirma que não existem mulheres no terceiro mundo. Talvez por comungar dessa mesma perspectiva de invisibilidade, Anzaldúa escreveu uma carta dirigida às mulheres escritoras do terceiro mundo, excluídas do eixo hegemônico da produção de conhecimento. Para a autora, essas mulheres deveriam parar de ser objetos de pesquisa e deveriam escrever suas próprias teorias, situando o discurso em um lugar diferente do hegemônico e descrevendo suas próprias vivências, opressões e sentimentos particulares. Apesar de usar o vocativo “mulheres de cor” acredito que Anzaldúa não quer se referir apenas às mulheres negras, mas sim às *chicanas*, às mulheres indígenas, às asiático-americanas, todas que se identificam no mesmo eixo de exclusão. Ressalta que as adversidades que as mulheres de cor encaram não são as mesmas das mulheres brancas, pois, apesar de terem pontos comuns de opressão, as mulheres de cor não têm muito a perder. Segundo a *chicana*, elas (nós) nunca tiveram (tivemos) nenhum privilégio.

Tal carta foi redigida ao longo de 1980 e lançada em 1981. A autora declarou sua preferência por tal gênero literário, pois somente ele alcançaria o grau de “intimidade e imediatez” que desejava. Em uma atitude que demonstra empatia, imagina o cotidiano de opressão dessas mulheres – da negra, da *chicana*, da mulher indígena, asiático-americana, lésbica, mãe solteira, suas *hermanas*. Ao mesmo tempo em que imagina esses problemas, Anzaldúa reconhece que existe uma complexidade nos problemas que afligem as mulheres. Ilustra seu exemplo ao tratar do marcador social de raça, quando expõe que as mulheres de cor são invisíveis para os homens brancos dominantes e para o mundo feminista das mulheres brancas com privilégios (embora alerte que nessa segunda esfera as relações estejam mudando). Conjuga ainda com o marcador da sexualidade ao afirmar que a lésbica de cor não existe.

Uma das primeiras críticas contundentes no início da carta é sobre o sistema educacional que realiza uma lavagem cerebral na mente dos alunos forçando apenas a um tipo de escrita em uma língua que não era a sua. Ou seja, não pode expressar através de sua língua

materna, sua cultura e o espírito de seu povo. Pelo contrário, ela relata que em sua experiência, os professores consideravam as crianças *chicanas* estúpidas e sujas. “Me sinto roubada de minha língua nativa. [...] Quem sou eu, uma pobre *chicanita* do fim do mundo, para pensar que poderia escrever?”, indaga a autora (ANZALDÚA, 2000, p. 230). Assim, para Anzaldúa a escrita é um ato de atrevimento, de rebeldia; paradoxal, pois é difícil e ao mesmo tempo, libertador. Algo que dá medo. O ato de escrever seria como um exílio para a estrangeira que existe em cada uma de nós. E a saída encontrada por ela foi a universidade, a “escrita literária”, em um espaço onde ela poderia romper as confortáveis imagens estereotipadas que os brancos teriam das mulheres do Terceiro Mundo.

Assim, Anzaldúa atenta para o perigo de não “ser vendida” e de recusar radicalmente os rótulos que lhe atribuem. Seu principal objetivo é que não só ela, mas todas as outras *hermanas*, confrontem suas próprias limitações. Ao escrever as mulheres de cor seriam levadas a pensar como “outro”, a tomar consciência de si e do que significavam: diferentes, separadas, exiladas do que era considerado “normal” e o “branco-correto”. Anzaldúa pensava ainda na escrita como uma forma de autonomia, de empoderamento, pois uma mulher que escreve tem poder e é temida. A escrita das mulheres de cor, para a autora, teria um poder motivador e transformador na vida de outras mulheres.

Para finalizar as observações sobre essa rica carta, Anzaldúa apresenta o conceito de escrita orgânica ao comentar que não é no papel que cria os efeitos da sua escrita e dos seus desabafos, mas sim no seu interior, nas vísceras e nos tecidos vivos de seu corpo (ANZALDÚA, 2000, p. 234).

Já no ano de 1987, o livro *Borderlands* é lançado. De acordo com suas próprias palavras:

This book, then, speaks of my existence. My preoccupations with the inner life of the Self, and with the struggle of that Self amidst adversity and violation; with the confluence of primordial images; with the unique positionings consciousness takes at these confluent streams; and with my almost instinctive urge to communicate, to speak, to write about life on the borders, life in the shadows. Este livro, então, fala da minha existência. Minhas preocupações com a vida interior do Eu e com a luta desse Ser em meio a adversidades e violações; com a confluência de imagens primordiais; com os posicionamentos únicos que a consciência toma nesses confluentes fluxos; e com a minha vontade quase instintiva de comunicar, falar, escrever sobre a vida nas fronteiras, a vida nas sombras. (ANZALDÚA, 2012, p. 19)

Na citação acima, percebe-se como Anzaldúa reflete sobre sua condição de estar no mundo, principalmente quando este lugar é uma fronteira. A autora procura pensar esse lugar para conectá-lo com a construção de uma imagem, a da *mestiza*, que será detalhada posteriormente. Nesse sentido, conecta o espaço geográfico à história do povo mexicano sob o

contexto de colonização anglo-americana, além de retomar a história para elucidar as relações atuais existentes entre essas duas nações e as bases sobre as quais se construiu a identidade tanto mexicana quanto *chicana*.

O livro se divide em duas grandes partes: *Atravesando Fronteras/Crossing Borders* e *Um Agitado Viento/Ehécatl, The Wind*, no qual importantes temas são costurados pela autora como a rebeldia, o terrorismo que é viver nas fronteiras, a homofobia e a consciência mestiça, além de abordar sobre a língua selvagem.

3 Por que entre-fronteiras?

A questão da fronteira sempre esteve presente na vida de Anzaldúa. Como é perceptível em seus escritos, ela não trata apenas da fronteira física entre os territórios mexicano e estado-unidense: Anzaldúa utilizou essa tensão para se entender como ser humano, para se definir como pessoa, para pensar sua cor, sua sexualidade, sua identidade e seu lugar no mundo (ou o seu não-lugar). São nesses termos que ela constrói seu lócus cultural e enunciativo, que determina seu lugar de fala no sentido que Ribeiro (2017) aponta de trazer novas perspectivas que rompem com a construção de uma história única geralmente marcada pela branquitude, masculinidade e heterossexualidade. Assim, como afirma Garcés (2016), “La categoría “frontera” es utilizada aquí como grieta simbólica y emocional a través de la que intuir la compleja experiencia pluriversal de la persona mestiza.”

No início da obra *Boderlands*, em uma longa citação:

The V.S.-Mexican border *es una herida abierta* where the Third World grates against the first and bleeds. And before a scab forms it hemorrhages again, the lifeblood of two worlds merging to form a third country - a border culture. Borders are set up to define the places that are safe and unsafe, to distinguish *us* from *them*. A border is a dividing line, a narrow strip along a steep edge. A borderland is a vague and undetermined place created by the emotional residue of an unnatural boundary. It is in a constant state of transition. The prohibited and forbidden are its inhabitants. Los *atravesados* live here: the squint-eyed, the perverse, the queer, the troublesome, the mongrel, the mulato, the half-breed, the half dead; in short, those who cross over, pass over, or go through the confines of the “normal”. Gringos in the U.S. Southwest consider the inhabitants of the borderlands transgressors, aliens - whether they possess documents or not, whether they're Chicanos, Indians or Blacks. Do not enter, trespassers will be raped, maimed, strangled, gassed, shot. The only “legitimate” inhabitants are those in power, the whites and those who align themselves with whites. Tension grips the inhabitants of the borderlands like a virus. Ambivalence and unrest reside there and death is no stranger. (ANZALDÚA, 2012, pp. 25-26)

Portanto, o conceito de fronteira é fundamental no pensamento de Anzaldúa e na elaboração de sua teoria da identidade, já que a fronteira, tanto geográfica quanto identitária, é

parte integrante da própria autora, de sua vida, de seu trabalho e de sua relação com o mundo. Sobre essa relação fronteira-identidade, discorre Lobo (2015):

[...] Anzaldúa crê que os dois conceitos de fronteira – geográfica e identitária – são intrínsecos à sua identidade e à de todos os chicanos, impondo a sua presença eternamente, não apenas porque vive na fronteira geográfica, mas ainda porque a colisão das várias culturas presentes neste espaço é sinônimo de pressão para escolher uma delas e para se definir em termos dogmáticos: anglo-americana, mexicana ou índia. Neste contexto, a fronteira geográfica não é apenas parte da história dos chicanos, mas também do seu cotidiano, convertendo-se na metáfora escolhida pela autora para designar a experiência do seu povo. (LOBO, 2015, pp. 99-100)

Nesse sentido, a fronteira não é só geográfica e identitária, mas também metafórica, com um caráter híbrido e dinâmico, que é essencial para se pensar nela como um local de energia, de fluidez, de mudança e de revisão dos elementos opostos que a compõem, versando sobre as barreiras/ligações entre pessoas, nações e indivíduos (LOBO, 2015).

Outro ponto importante é a ênfase sobre a fronteira enquanto uma poderosa metáfora da “ferida aberta” que enfatiza a especificidade histórica de toda assimetria intercultural entre México e Estados Unidos que Anzaldúa nos apresenta de forma especial. Uma fronteira real, de mais de três mil quilômetros, uma das mais cruzadas do mundo que é alvo de polêmica inclusive recentemente quando o atual presidente norte-americano Donald Trump venceu as eleições em 2017 tendo como uma das principais promessas a construção de um muro na fronteira. Assim, a célebre frase do general Porfirio Díaz (1830-1915), que governou o México por mais de 30 anos parece continuar sempre atual: “Pobre México. Tão longe de Deus e tão perto dos EUA”.

Entretanto, não se deve pensar a fronteira somente em termos de segregação, uma barreira intransponível que separa o “eu” e o “outro”. Não são nesses termos que Anzaldúa apresenta. A autora postula a ideia da fronteira como um lócus de resistência, de ruptura, de implosão e explosão também; onde a mistura encontra um local propício, nas oportunidades de juntar os fragmentos e criar um novo conjunto. A possibilidade de transgredir as definições rígidas de cultura, nação sexo ou gênero é real e concreta.

Para compreender melhor os processos de tradução cultural inseridos em uma lógica do hibridismo não assimilacionista aos quais Anzaldúa se refere, o conceito de *amasiamento* é imprescindível. Com o objetivo de desestabilizar os binarismos culturais, a autora atenta para a ambiguidade e a indecibilidade que acompanham esses processos nos seus atos tradutórios. Sobre tal conceito, discorre:

As a mestiza I have no country, my homeland cast me out; yet all countries are mine because I am every woman's sister or potential lover. (As a lesbian I have no race, my own people disclaim me; but I am all races because there is the queer of me in all races). I am cultureless because, as a feminist, I challenge the collective cultural/religious male-derived beliefs of Indo-Hispanics and Anglos; yet I am cultured because I am participating in the creation of yet another culture, a new story to explain the world and our participation in it, a new value system with images and symbols that connect us to each other and to the planet. *Soy um amasamiento*, I am an act of kneading, of uniting and joining that not only has produced both a creature of darkness and a creature of light, but also a creature that questions the definitions of light and dark and gives them new meanings. (ANZALDÚA, 2012, pp. 102-103)

Logo no início da citação, percebe-se um termo importante na construção do pensamento de Anzaldúa: *mestiza*. De acordo com Costa e Ávila (2005), a nova mestiça possui uma consciência polivalente e uma prática performática/textual transversiva. Segundo as autoras:

[...] nova mestiça opera dentro de uma referência epistemológica distinta do modelo que estrutura as relações entre centro e periferia, tradição e modernidade. Ela é produto da transculturação, sincretismo e diáspora que criam disjunções entre tempo e espaço (a fronteira) e deslocamentos dos discursos sobre 'origens' e essências. Seu cronotopo é a limiaridade/ interstício e sua prática, a tradução. (COSTA, ÀVILA, 2005, pp. 694-695)

É nesse sentido que a figura da *mestiza* atua nos interstícios dos vários vetores da diferença resultantes dos desequilíbrios históricos e das exclusões múltiplas.

A característica mais marcante dos escritos de Anzaldúa que corroboram com a contestação de ser um personagem entre-fronteiras é o estilo que a mesma – juntamente com outras *chicanas* – construiu: mesclou vários gêneros textuais e registros discursivos, misturando poesia, autobiográfica espiritual e mítica, ficção em vários idiomas (inglês e espanhol castelhano), além do dialeto indígena Nahuatl e expressões idiomáticas. Assim, o discurso híbrido se define como uma das suas principais marcas na tentativa de criar um novo idioma: a linguagem das *Borderlands*, como a mesma afirma:

The switching of "codes" in this book from English to Castillian Spanish to the North Mexican dialect to Tex-Mex to a sprinkling of Nahuatl to a mixture of all of these, reflects my language, a new language - the language of the Borderlands. There, at the juncture of cultures, languages cross-pollinate and are revitalized; they die and are bom. Presently this infant language. this bastard language, Chicano Spanish, is not approved by any society. But we Chicanos no longer feel that we need to beg entrance, that we need always to make the first overture - to translate to Anglos, Mexicans and Latinos, apology blurting out of our mouths with every step. (ANZALDÚA, 2012, p. 20)

A necessidade da construção dessa nova linguagem deriva do fato da autora se sentir roubada da sua própria língua nativa ao longo de sua vida, desde a escola, quando o idioma não era ensinado e valorizado, ao contrário, era tratado de forma pejorativa. Outra importância salientada pela autora é a necessidade da linguagem de denunciar os conceitos

culturais dominantes que, na maioria dos casos, se materializam em relações assimétricas que velam narrativas de opressão e exclusão.

Nesse sentido, Cusicanqui (2010) assemelha-se a Anzaldúa quando utiliza várias expressões indígenas para marcar sua posição política como mestiça. Para a autora, no colonialismo, as palavras têm uma função muito peculiar: elas não designam, quando não encobrem importantes realidades históricas. Silvia Rivera Cusicanqui é uma autora de ascendência aymara e europeia, que se autodefine como *ch'ixi*, uma categoria criada por ela como uma forma andina de nomear um povo que não pode ser considerado um simples resultado de um processo de hibridismo, que a mesma caracteriza como um discurso acadêmico fictício. Essas sociedades mestiças são, para a autora, mais parecidas à noção aymara de *ch'ixi*, a qual se define como um contexto *abigarrado*, manchado, pintado e que se constituem em uma imagem poderosa que serve para pensar a coexistência de elementos heterogêneos que não aspiram à fusão, à mistura e tampouco produzem um elemento novo, superior ou englobante.

Para finalizar as reflexões fronteiriças sobre a autora em questão, encerra-se com a questão da linguagem e da escrita, consideradas instrumentos de sobrevivência para Anzaldúa, meios para se descobrir, se construir e alcançar autonomia. Sobre esse sentimento visceral, desabafa:

Por que sou levada a escrever? Porque a escrita me salva da complacência que me amedronta. Porque não tenho escolha. Porque devo manter vivo o espírito de minha revolta e a mim mesma também. Porque o mundo que crio na escrita compensa o que o mundo real não me dá. No escrever coloco ordem no mundo, coloco nele uma alça para poder segurá-lo. Escrevo porque a vida não aplaca meus apetites e minha fome. (ANZALDÚA, 2000, p. 232)

Como se pode perceber, a escrita age no indivíduo no sentido de aplacar angústias, medos e fraquezas pessoais. No entanto, além desse fato, a literatura de Anzaldúa analisa sobre como a linguagem reflete o ser humano em si, seu espírito, sua cultura, seu grupo social, marcado pela posição que o indivíduo se posiciona no mundo: classe social, etnia, posição política, orientação sexual, entre outros. Dessa forma, mais uma fronteira se apresenta no pensamento da chicana quando ela transita entre as linguagens ora querendo que o indivíduo – no caso, a mulher – reflita sobre suas condições de estar no mundo e a sociedade, no sentido de fazer pensar sobre as diferentes realidades sociais que as cercam. Como afirma Bailey (2012):

Esta é uma importante proposta que a autora chicana apresenta por meio de sua obra: ao expor sua vida pessoal — percalços, desafios, obstáculos e vitórias pessoais — ela nos convida a também assumir o risco de nos expormos, a também esmiuçarmos nossa identidade e nossa relação com a realidade social. (BAILEY, 2012, p. 282)

Nesse sentido, fica claro quando Anzaldúa classifica sua obra como “autohistória-teoria”, uma literatura que relaciona o oral e o escrito, a história e o conto, o fato e a ficção, a teoria e a prática, na narrativa autobiográfica e historiográfica, além de recontar em seus escritos as vivências pessoais e familiares que juntas formam e ilustram a complexa experiência coletiva da condição feminina.

Considerações finais

Para concluir, aponta-se o quão frutífero são os campos de estudo que realizam a interface da literatura com as ciências sociais. Através não só da personagem de Glória Anzaldúa em si, mas de seus escritos literários que são difíceis de serem enquadrados em um único gênero, mostrou-se possível refletir sobre as questões que envolvem a temática das fronteiras por outro ângulo, sem utilizar uma bibliografia mais clássica do assunto.

Conclui-se ainda que os estudos relativos ao gênero, longe de esgotarem suas abordagens, constituem-se como chaves para entender as complexas dinâmicas contemporâneas que envolvem novas territorialidades do ser humano e suas formas de se relacionar.

Por fim, ressalta-se a importância de popularizar a obra dessa *chicana* tão extraordinária que trata de uma variedade abrangente em seus escritos, que nos atinge de uma maneira íntima. Assim, parafraseando nossa personagem principal continua-se a escrever (seja a escrita acadêmica ou não) para que confrontemos nossos demônios, para que possamos olhá-los de frente e sobreviver para falar sobre eles.

Referências

ANZALDÚA, Gloria. **Borderlands/La frontera: the new mestiza**. 4 ED. San Francisco: Aunte Lute Books, 2012.

_____. "Falando em línguas: uma carta para as mulheres escritoras do Terceiro Mundo". Trad. Édina de Marco. **Revista Estudos Feministas**, v. 8, n. 1, pp. 229-236, 2000.

ANZALDÚA, Glória (Ed); MORAGA, Cherríe (Ed). **This Bridge Called my Back: Writings on radical Women of Color**. New York: Kitchen Table –Women of Color Press, 1983.

BAHRI, Deepika. Feminismo e/no pós-colonialismo. **Estudos Feministas**, Florianópolis, 21(2): 336, maio-agosto/2013. Pp. 659-688. Disponível em <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2013000200018/25791>>. Acesso em 27 Abr. 2018.

BAILEY, Ana Cristina F-P. Estética e Dialogismo: o papel da Literatura na formação da cidadania. **Revista Contrapontos** - Eletrônica, Vol. 12 - n. 3 - pp. 279-289 / set-dez 2012.

COSTA, Claudia de Lima; ÁVILA, Eliana. Gloria Anzaldúa, a consciência mestiça e o "feminismo da diferença". **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 13, n. 3, p. 691-703, dec. 2005. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2005000300014&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 27 Abr. 2018. <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2005000300014>.

CRENSHAW, K. Documento para o encontro de especialistas em aspectos da discriminação racial relativos ao gênero. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 10, n. 1, pp. 171-188, jan. 2002.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa**. Una reflexión sobre prácticas y discursos descolonizadores. Buenos Aires: Tinta Limón, 2010.

GARCÉS, Helios F. La nueva mestiza, por fin Gloria Anzaldúa en castellano. Helios F. Garcés. 13/04/2016. **Diagonal Periodico**. Disponível em <<https://www.diagonalperiodico.net/culturas/29997-la-nueva-mestiza-por-fin-gloria-anzaldua-castellano.html>> Acesso em 26 abr. 2018.

HEILBORN, Maria Luiza. De que gênero estamos falando? **Sexualidade, Gênero e Sociedade**. Ano 1, nº 2 CEPESC/IMS/UERJ. 1994.

HIRATA, H.. Gênero, classe e raça: interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, v. 26, p. 61-74, 2014.

LOBO, Patrícia Alves de C., **Chicanas em busca de território**: A herança de Gloria Anzaldúa. Doutorado em Estudos de Literatura e de Cultura (Estudos Americanos). 2015. Universidade de Lisboa. Faculdade de Letras. Departamento de Estudos Anglísticos. NIEMAND, Yolanda (Ed); HART, Patricia (Ed); ARMITAGE, Susan (Ed); WEATHERMON Karen (Ed). **Chicana Leadership**: The "Frontiers" Reader. Lincoln: University of Nebraska Press. 2002.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala**. Belo Horizonte: Editora Letramento, 2017.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the 'Political Economy' of Sex. In: REITER, Rayna (Org.). **Toward na Anthropology of Women**. New York; London: Monthly Review Press, p. 175-210, 1975.

SÁEZ, Javier. **Teoría Queer y psicoanálisis**. Madrid: Síntesis, 2004.

SCOTT, Joan W. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v. 16, n. 2, jul./dez. 1995, pp. 5-22.

SIMIÃO, Daniel Schroeter.(2000). **Gênero no mundo do trabalho**. Brasília, Mimeo.

SURELI, Sara. **Meatless Days**. Chicago: University of Chicago Press, 1989.

VILLELA, Wilza; ARILHA, Margareth. Sexualidade, gênero e direitos sexuais e reprodutivos. In BERQUÓ, Elza (org.). **Sexo & vida: panorama da saúde reprodutiva no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP. 2003.

THE POWER OF GLÓRIA ANZALDÚA'S WRITING

Abstract

Theories about gender and, subsequently, studies on intersectionality bring to the fore the importance of considering social markers such as gender, race, social class and nationality, in the production of knowledge in general, in addition to helping us to think of the entangled processes of (re) construction of contemporary identities. In this specific article, the main question lies on the complexity with human beings were constituted. The main character with whom the dialogue is established is Glória Anzaldúa, teacher, writer, queer activist and lesbian *chicana*, considered in this setting the tension's personification that integrate this social experience that is to live between borders. Beyond to present author with a short biography, three main works from her bibliography were analyzed which aim to realize in which manner she constructs her theory about boundaries and relates it with identities questions.

Keywords

Identity. Gender. Gloria Anzaldúa.

Recebido em: 22/06/2018
Aprovado em: 09/09/2018